REVISTA LETRA MAGNA
Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura - Ano 02- n.03 - 2º Semestre de 2005
ISSN 1807-5193

A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO NO GÊNERO *ENTREVISTA COM CONVIDADOS* NA INTERNET

Marcio Marconato de Carvalho[1]

Resumo: A proposta deste trabalho é observar a organização da conversação em entrevistas com convidados na internet, procurando descrever a estrutura deste gênero. Em um segundo momento, analisamos a construção discursiva do gênero, o papel participativo do mediador e dos demais interlocutores, bem como, identificamos algumas estratégias argumentativas das quais se utilizam os interactantes no momento de debate em torno de um tema específico. O *corpus* é composto por duas entrevistas promovidas por diferentes *sites* de grande circulação nacional: América on-line (AOL) e Universo on-line (UOL). A análise ancora-se nas reflexões teóricas desenvolvidas por Marcuschi (2004), Kerbrat-Orecchioni (2004), Perelman & Olbrechts-Tyteca (2002), entre outros.

Palavras-chave: gêneros digitais, elaboração discursiva, entrevistas com convidados.

Abstract: This paper deals with the organization of conversation in guest interview. The aim is to analyse the structure of this discursive genre and its different participatory levels: from the mediator to other participants. Also we investigate the discursive construction of this genre and we identify some argumentative strategies that are used by the participants. *Corpus* is composed by interviews sited at UOL (on july, 1st/2005) and AOL (on march, 4th/2005). The analysis is based on theories developed by Marcuschi (2004), Kerbrat-Orecchioni (2004), Perelman & Olbrechts-Tyteca (2002) and others.

Key-words: digital genres, discursive construction, guest interview.

[1] mestrando em Filologia e Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP)

Introdução

Abordar as práticas discursivas na internet constitui-se tema urgente em virtude da disseminação do uso do computador em nossas atividades sociais e culturais. Conforme destacou Crystal (2001) em seus estudos sobre a linguagem no meio digital, a internet revolucionou a maneira de interagirmos lingüisticamente. O ciberespaço[2] difundiu novos hábitos de produção textual abrindo múltiplas possibilidades interativas (e-mail, chats, newsgroup, blogs, etc.) impossíveis de imaginarmos em meios de comunicação anteriores. Da maneira como se organiza, o meio eletrônico põe em funcionamento uma estrutura semiótica de comunicação em que a interatividade é colocada em primeiro plano e entendida como condição central. Seguindo a definição de Santoro (1995), a comunicação mediada pelo computador (CMC) refere-se às aplicações dos computadores para a comunicação interpessoal direta. Nesta situação, o computador funciona como mediador e veículo, estando em primeiro plano o contato entre interlocutores humanos. No âmbito informatizado, a CMC constitui-se como palco privilegiado em que se manifestam diversos gêneros discursivos.

Tal forma particular de contextualização é determinante para a consolidação da cena digital como novo gênero. Quando abordamos o ato enunciativo neste meio, devemos considerar que este se realiza por intermédio de interfaces específicas e, neste sentido, é imprescindível entendermos seu funcionamento: a CMC representa um novo enquadre cognitivo (cf. Marcuschi, 2004).

Neste artigo, enfocamos as condições de produção das entrevistas com convidados, como o discurso se constrói neste gênero e o papel desempenhado pelo mediador na construção textual. Também abordamos o papel participativo dos demais interlocutores, identificando algumas estratégias argumentativas das quais se utilizam no momento do debate. As reflexões teóricas baseiam-se nos estudos apresentados por Catherine Kerbrat-Orecchioni (2004) e Marcuschi (2004) acerca dos gêneros digitais, além das teorias do discurso e da argumentação.

[2] Pierre Lévy (1999:92) define o termo como espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Esta definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização.

O corpus analisado é composto por duas entrevistas, conforme especificamos a seguir:

Entrevista 1

provedor: América on line (AOL)

data da entrevista: 04/mar/2005

entrevistado: Dr. Roger Abdelmassih, terceira faixa etária, médico urologista especializado em reprodução humana.

tema: utilização de células-tronco para fins terapêuticos

duração: não especificada

Entrevista 2

provedor: Universo on line (UOL)

data da entrevista: 01/jul/2005

entrevistada: Fernanda Torres, segunda faixa etária, atriz.

tema: espetáculo teatral "A casa dos budas ditosos", pelo qual a entrevistada ganhou o prêmio Shell de melhor atriz em 2004.

duração: aproximadamente quarenta minutos.

Cabe salientar, ainda, que a seleção do *corpus* privilegiou temas distintos, visando a investigar as diferenças no jogo argumentativo dos participantes quando envolvidos ou não em situações polêmicas. Como a análise não pretende ser exaustiva, elegemos somente um extrato inicial de cada entrevista para observação.

1. A interação polilógica como realidade efetiva da comunicação

Há uma tendência a considerar uma atividade interativa prototípica como sendo uma realização textual entre duas pessoas (Kerbrat-Orecchioni, 2004). Isto ocorre em virtude da ampla utilização entre nós da palavra "diálogo" como sinônimo de "conversação entre duas pessoas", apesar de sua etimologia.[3] Entretanto, observamos em nossas relações sociais, situações

[3] Conforme já sinalizado nos estudos de Fávero, Andrade e Aquino (1999), entre outros pesquisadores, Kerbrat-Orecchioni aponta para a confusão que existe entre os prefixos *dia* e *di*. Desde a Grécia, o prefixo *dia* significa "através, por meio de" e não "dois" conforme a crença geral. Portanto, a autora preferirá a expressão "dílogo" para referir-se à interação entre duas pessoas.

interativas compostas de múltiplos participantes: reuniões de negócios, encontros familiares, relações dentro de uma sala de aula, etc.

Levinson (1988) já assinalava que, ao privilegiarmos a noção de diálogo como referente a toda e qualquer situação interativa, reduzimos a amplitude e complexidade que as interações polilógicas, abundantemente verificadas em nosso cotidiano, apresentam. De fato, quando analisamos o contexto social em que ocorrem os processos interacionais, vemos que as atividades interativas compostas por apenas dois participantes não se apresentam como situação dominante.

A interação *polilógica* caracteriza-se como atividade discursiva que envolve diversos interlocutores (Kerbrat-Orecchioni, 2004). Esta modalidade interativa assume diversas configurações, uma vez que compreende a participação de mais de dois falantes até, teoricamente, um número incontável de pessoas. Neste sentido, conceitualmente, as situações polilógicas diferenciam-se das relações diádicas, pois, na primeira, observamos que o processo de negociação entre os falantes revela-se mais complicado e o revezamento de papéis entre falante e ouvinte, por vezes, não é claro. A alternância de turnos tende a não obedecer regras específicas, sendo comum a violação das regras de seleção dos falantes (assaltos, truncamentos, passagens sem consentimento ou inobservância de lugares relevantes para transição - LRT). A sobreposição de vozes é recorrente e a construção textual está mais sujeita a digressões e truncamentos de idéias. Prevalece a condição assimétrica do discurso, com riscos de alguns participantes serem deixados de lado em alguns momentos da interação, em virtude da *coalizão* constituída por outros.

Em vista disso, as conversações compostas por múltiplos participantes mostram-se mais conflituosas, já que estão mais expostas às violações de regras do sistema conversacional estabelecido pelas relações diádicas. Apesar das constantes subversões do esquema de funcionamento de turnos e do truncamento e digressão de tópicos, nesta modalidade interativa os participantes sentem mais diluída sua obrigação de cooperar na construção do discurso.

As relações polilógicas não se resumem, tipologicamente, à participação de múltiplos interlocutores e, segundo Grosjean e Traverso (1998:51), o número de participantes não é fundamentalmente a principal questão. Outro aspecto mais relevante é como o grupo se organiza em torno de um foco comum durante a interação.

2. As entrevistas com convidados: um polílogo "on line"

Podemos definir esta modalidade interativa como um tipo de serviço prestado por servidores comerciais ou ligados a órgãos da imprensa que sempre põem à disposição dos internautas uma personalidade com a qual os interessados interagem (cf. Marcuschi, 2004:51).

Da maneira como se organiza, a entrevista com convidados na internet pode ser descrita como uma situação polilógica intermediada por um canal eletrônico. O funcionamento dessas entrevistas é muito similar ao dos *chats* abertos, ou seja, a interação é síncrona; entretanto o único que responde é o entrevistado revelando uma assimetria na produção textual desta modalidade discursiva.

Os múltiplos participantes enviam suas perguntas que são selecionadas por um mediador e encaminhadas ao entrevistado. Assim, todos que acessam podem mandar suas perguntas e ver as perguntas dos outros e todos lêem as respostas do entrevistado. Quando observamos tal esquema de funcionamento com a presença de diversos interlocutores, vemos que, excetuando-se o mediador e o entrevistado que são categorias mais bem delimitadas, o grupo formado pelos demais actantes compreende níveis distintos de participação, assim definidos:

Participantes efetivos: constituído por aqueles que efetivamente realizam seus turnos (selecionados pelo mediador).

Participantes não-efetivos: composto por aqueles que mandam perguntas, mas não tem seu turno efetivado (não selecionados pelo mediador).

Participantes observadores: constituído por aqueles que não enviam perguntas, mas apenas observam a conversação.

Devemos considerar que os participantes não se encontram engessados nesses papéis, mas sim flutuam de uma a outra posição, conforme a interação acontece. Devemos também salientar que novos participantes podem juntar-se à interação a qualquer momento, bem como deixar a sala antes de seu término. Tal esquema faz com que a entrevista com convidados tenha um número muito elástico de participantes, conforme atestamos no cabeçalho da entrevista 2 do corpus:

BATE-PAPO COM FERNANDA TORRES

Atriz fala sobre o monólogo "A Casa dos Budas Ditosos".

Participaram do Bate-papo **1040 pessoas**

Este-bate-papo ocorreu em 01/07/2005, às 20h00

Evidentemente, o entrevistado não é capaz de dar atenção a todos os interlocutores e o contato entre o convidado e os participantes fica condicionado à triangulação com o mediador. A figura do mediador aparece como reguladora do sistema, garantindo o fluxo conversacional e a intercompreensão dos falantes. Assim, a conversação se estrutura a partir de pequenos dílogos, levando-nos a postular que as conversações com quatro ou mais participantes nada mais são do que estruturas diádicas e triádicas (cf. André-Larochebouvy, 1984). Entretanto, esta mecânica de funcionamento é subvertida na entrevista 2 quando a convidada dirige seu turno a todos os participantes da interação no intuito de divulgar seu espetáculo teatral, conforme exemplo dado:

(08:12:55) **Fernanda Torres**: Atencao! atencao!! Ultima oportunidade de assistir a "A Casa dos Budas Ditosos" no Tom Brasil, em SP! Estou de partida! Nao Perca!! Vai revolucionar sua vida sexual!

De qualquer modo, a instância mediadora desempenha função essencial, pois regula e controla o referido evento comunicativo. O mediador não contribui diretamente com turnos, mas os seleciona e, por conseguinte, decide os tópicos e os rumos da conversação. Pode acontecer de alguns participantes fazerem perguntas inconvenientes e desconfortáveis para o convidado, dessa forma somente as perguntas consideradas convenientes serão respondidas. Em razão de seu papel, exerce um poder velado sobre a interação que se confunde com as inclinações ideológicas[4] do próprio *site* patrocinador do encontro.

De qualquer forma, as condições de produção do discurso impõem a presença de um mediador para nortear e permitir que a conversação se estabeleça, evitando que o encontro sucumba pela sua própria característica polifônica e multifacetada. A dispersão temática, favorecida pela dinâmica da internet, é também contornada a partir da figura mediadora. Em outros termos, podemos dizer que o mediador minimiza os problemas de comunicação que as interações polilógicas desencadeiam numa tentativa de poupar o desgaste do entrevistado.

3. A construção do discurso nas entrevistas

[4] No sentido de ideologia como uma "visão de mundo", ou seja, o ponto de vista de uma classe social a respeito da realidade, a maneira como uma classe ordena, justifica e explica a ordem social (cf. Fiorin, 1988).

Como vimos, o mediador detém o poder sobre a interação apesar de não participar diretamente com turnos. Somente os demais participantes contribuem com turnos, mas dependem deste mediador para sua aprovação/efetivação. Neste sentido, o cuidado com a elaboração discursiva será muito mais rigoroso neste gênero do que nos *chats*, pois a argumentação dos falantes não levará somente em conta o convidado, mas também, e principalmente, o crivo deste mediador.

Assim, o mediador conduz a interação de acordo com seus interesses e/ou do *site* promotor da entrevista, buscando de alguma forma, selecionar dentre as contribuições dos participantes, aquelas que apontem para um conteúdo informacional maior e mais relevante evitando, em contrapartida, as repetições de temas e perguntas impertinentes. A participação dos interlocutores fica condicionada à seleção do que se vai dizer e da forma como se vai dizer, ou seja, os enunciados dos participantes só tomarão parte nesta modalidade interativa dependendo, em larga medida, de sua elaboração argumentativa.

De qualquer maneira, é ao redor da figura de autoridade do mediador que o discurso se constrói. O texto ganha forma a partir do momento em que o mediador dá voz a diversos locutores revelando uma construção discursiva densamente polifônica (cf. Ducrot, 1987). Pela maneira como o gênero se estrutura, temos a percepção de que a entrevista com convidados se institui como um espaço democrático, já que permite o acesso a qualquer locutor a qualquer ponto da interação. Entretanto, os participantes que têm seus turnos efetivados tendem a ser aqueles que estão em consonância com a formação discursiva do mediador e/ou do site que abriga o encontro. Portanto, a aparente democratização do espaço discursivo tem, na verdade, um caráter monofônico, apesar da heterogeneidade de vozes (cf. Authier-Révuz, 1982).

Todavia, a construção textual procura criar um efeito de sentido de imparcialidade, ou seja, busca construir uma realidade pautada na neutralidade e objetividade (aproximando-se do gênero jornalístico), embora saibamos que não exista um discurso neutro, imparcial; há sempre subjacente uma ideologia (cf. Guimarães, 1997:147).

Para criar este determinado efeito, o mediador adota como estratégia a nomeação direta dos diversos locutores que ele coloca em cena, segundo podemos conferir em alguns exemplos extraídos da entrevista 2 do *corpus*:

ÍNTEGRA

O texto abaixo reproduz exatamente a maneira como os participantes digitaram suas perguntas e respostas

(08:12:40) ***Thainara****: Oi boa noite tudo bem???*

(08:13:10) ***adri****: Oi Fernanda. Vamos falar sobre sexo, não é isso?? O contexto da peça é totalmente sexual por isso quer abordar esse tema?*

(08:14:24) ***marcelo****: olá meu amor sou seu fã.....porém tenho uma curiosidade como começou essa investida em humor*

A própria menção do horário, entre parênteses, do envio da mensagem, bem como, a preocupação em asseverar a reprodução na íntegra da entrevista são também elementos que buscam transmitir a idéia de isenção do site e/ou do mediador na construção do discurso.

Esta "maneira de dizer" transmite a idéia de que o discurso se constrói por si, sem a intervenção e o direcionamento de ninguém. É um modo de enunciar que revela o *ethos* do mediador, identificado com valores como isenção, imparcialidade, neutralidade, objetividade. É esta representação que o mediador faz de si que leva à adesão dos co-enunciadores ao universo de sentido criado por ele, ou seja, os participantes aderem a esta realidade tendendo a acreditar no afastamento e na neutralidade do mediador.

No tocante à temporalização, observamos que o texto institui predominantemente um tempo presente marcado pela coincidência entre o momento de referência e o momento da enunciação, chamado presente pontual (cf. Fiorin, 2002). Neste sentido, a própria marcação temporal que antecede os enunciados reforça esta idéia. Em suma, nos exemplos acima, a enunciação opera no tempo do discurso, ou seja, no espaço do *aqui* e *agora*.

Com relação à entrevista 1, identificamos uma clara diferenciação tanto na disposição textual quanto nos procedimentos de discursivização. Parece-nos que o gênero *entrevista com convidados* não apresenta uma disposição visual definida, sendo que sua organização textual obedece às inclinações do próprio *site* que hospeda o encontro. Dessa forma, vemos que na entrevista 1, informações como a cronometragem do tempo das mensagens e os nomes dos diversos locutores encontram-se suprimidas. Este fato faz com que as diversas vozes do discurso sejam apagadas, ocorrendo um embaralhamento entre a figura do mediador, que representa o *site* responsável pela entrevista, e dos demais interlocutores.

Se na entrevista 2 a cenografia do gênero aproxima-se dos *chats*, na entrevista 1 esta dialoga diretamente com o gênero jornalístico. Logo na abertura, o texto opera no plano da enunciação dito "história" - assim como a matéria jornalística - caracterizado pelo relato de fatos acontecidos sem envolvimento do locutor. Neste sentido, prevalecem as marcas pronominais da não-pessoa (terceira pessoa) – cf . Benveniste, 1976. Exemplos:

A Câmara de Deputados ***aprovou*** *na noite de quarta-feira (2) a Lei de Biossegurança, que* ***estabelece*** *normas de segurança e mecanismos de fiscalização em todas as atividades relacionadas aos OGM (organismos geneticamente modificados) e seus derivados. (grifo nosso)*

(...)

Para debater o assunto com os internautas, a AOL ***convidou*** *o urologista Roger Abdelmassih, que* ***tem*** *cerca de 200 trabalhos científicos publicados no exterior e* ***proferiu*** *mais de 700 palestras em congressos e cursos nacionais e internacionais ao longo de sua carreira. (grifo nosso)*

A discussão de um fato social relevante e polêmico também aproxima a entrevista 1 do conteúdo temático próprio do gênero jornalístico. Outra semelhança entre o texto analisado e o jornal se dá pela busca de maior informatividade evidenciada na iniciativa do *site* em disponibilizar aos participantes mais *links* sobre o assunto em debate:

:: Fórum AOL: *clique aqui e dê a sua opinião*

:: Notícias AOL: *leia entrevista com o Dr. Roger sobre células tronco*

:: Debate AOL: *a esperança nas células-tronco* | *a semente da discórdia*

:: Denis L. Rosenfield: *a vida e as células-tronco*

:: Google: *veja o que já foi publicado sobre células-tronco*

Quando confrontamos as duas entrevistas, podemos ver que a linguagem utilizada pelos interlocutores se diferencia em ambas as situações. Na verdade, o uso da língua condiciona-se diretamente ao contexto em que os enunciados são produzidos e às relações existentes entre os participantes (cf. Eggins, 1994). Neste sentido, vemos que as relações construídas entre os actantes divergem nas entrevistas coletadas no tocante à situação discursiva. O perfil do convidado, bem como o assunto tratado, remetem a entrevista 1 a uma esfera mais formal, enquanto a entrevista 2 opera num registro mais informal, fazendo com que, neste caso, o aspecto interpessoal se sobressaia.

Em situações informais, as relações entre os actantes se traduzem, no nível lingüístico, pela utilização de formas abreviadas, vocativos, gírias e uma tendência de uso de um léxico que expressa a atitude dos participantes. Em contrapartida, em situações formais, observa-se a ocorrência de expressões de polidez, evitando-se gírias, o uso de itens lexicais mais complexos e de modalizadores de atenuação, ao se fazer um pedido. Conseqüentemente, uma situação formal promove o distanciamento afetivo entre os actantes, ao passo que uma situação informal caracteriza-se por sua proximidade (cf. Eggins, 1994).

Tal informalidade/proximidade revela-se, na entrevista 2, pela utilização de marcadores que buscam a relação com o outro ("oi", "olá meu amor", etc.), vocativos ("Thainara", "Marcelo", "Fernanda", etc.), além de abreviações (tanto do nome dos participantes – "Adri", como do pronome de tratamento você – "vc."). Na entrevista 1, o grau de formalidade/afastamento é sinalizado pela utilização de expressões de tratamento mais respeitosas ("Pergunta: O **senhor** é favorável a esta lei que mata uma pessoa para servir outra?"); além dos enunciados apresentarem termos lexicais mais complexos ("nervo lingual", "células-tronco", "divisão celular", etc.).

O grau maior de formalidade contribui para que os interlocutores monitorem mais sua escrita conduzindo a uma elaboração discursiva mais densa. O cuidado na construção textual tende a aproximar a entrevista 1 da linguagem escrita, enquanto a entrevista 2 apresenta uma relação mais direta com o nível falado. No modo falado, a estruturação das sentenças evidencia o pensamento imediato do locutor, não permitindo a ele construir enunciados complexos. Por outro lado, a escrita prototípica tem a tendência à neutralização da espontaneidade e do pensamento imediato, favorecendo a construção de enunciados com maior densidade lexical (cf. Kress, 1982).

Assim, no *continuum* tipológico estabelecido por Marcuschi (1997), em vista de sua situação discursiva, a entrevista 1 se situaria mais próxima das produções escritas do que a entrevista 2 de nosso *corpus*.

4. A elaboração argumentativa: algumas estratégias

A argumentação é recurso presente em qualquer discurso e por meio dela estabelece-se o jogo da interlocução marcado pela busca do outro. Segundo Vigneaux (1976), por meio da

argumentação, pretendemos agir sobre o outro, transformar nosso interlocutor. A argumentação reestrutura as três funções primárias presentes em todo processo comunicativo estabelecidas por Bühler (1934): exprimir quem sou, agir sobre o outro e descrever o mundo. Em essência, o discurso argumentativo tem sua fundamentação no apelo da alteridade, ou seja, para que aconteça é preciso considerarmos a reação de nosso(s) interlocutor(es) aos argumentos que utilizamos.

Breton (1999:64) sinaliza que "argumentar é mais do que simplesmente conceber um argumento. É também, mais globalmente, comunicar, dirigir-se ao outro, propor-lhe boas razões para ser convencido a partilhar de uma opinião". Neste sentido, a argumentação atua por meios discursivos provocando uma ação sobre o espírito dos ouvintes que se objetiva transformar, sendo um processo que envolve uma dinâmica interpessoal complexa (cf. Perelman & Olbrechts-Tyteca, 2002).

Quando observamos a linguagem em sua função argumentativa, detectamos o modo como os interactantes organizam suas falas de maneira a conduzir o(s) alocutário(s) a uma determinada conclusão. Isto também implica dizer que um discurso argumentativo objetiva a adesão do alocutário a um dado ponto de vista, constituindo-se num processo de negociação que envolve a possibilidade de ocorrerem contra-argumentos.

Dessa maneira, argumentar é empreender a busca pelo acordo, o que pode acarretar divergências de opiniões. A oposição de pontos de vista é constitutiva do discurso argumentativo, o que significa dizer que argumentar é também polemizar (cf. Aquino, 1997).

Apesar disso, não devemos restringir a argumentação somente as situações discursivas propensas ao confronto. A este respeito, Aristóteles já identificava, em sua *Retórica*, um gênero oratório, denominado *epidíctico*, que não versava sobre matérias controvertidas e que não visava a adesão de um auditório. Tal gênero "apresentava um discurso ao qual ninguém se opunha, sobre matérias que não pareciam duvidosas e das quais não se via nenhuma conseqüência prática. (...) Tratava-se o discurso como espetáculos de teatro ou competições atléticas, cujo objetivo parecia ser pôr em evidência os participantes" (Perelman & Olbrechts-Tyteca, 2002:54).

Se transpusermos estas reflexões ao *corpus* analisado, constataremos que a entrevista 1 gira na esfera de sentido dos gêneros *deliberativo* e *judiciário* por colocar em primeiro plano o embate de opiniões, enquanto a entrevista 2 se aplicaria ao gênero *epidíctico* em razão de sua ênfase à relação interpessoal. Parece-nos que na entrevista com o Dr. Roger Abdelmassih o foco

da interação centra-se na discussão acerca do uso terapêutico das células de embriões (células-tronco), ao passo que a outra situação se organiza ao redor da relação dos participantes com a convidada Fernanda Torres.

Com relação à primeira entrevista, a instauração da polêmica já se evidencia na declaração do entrevistado, destacada no início do texto: Dr. Roger Abdelmassih 4.03.05

"Embrião não é vida, são células vivas."

O enunciado expressa um ponto de vista próprio do discurso científico em oposição à visão de mundo baseada na moral católico-cristã. Anuncia-se o embate de duas formações discursivas distintas: ciência e religião. Tal confronto mostra-se no enunciado do primeiro locutor colocado em cena pelo mediador:

Pergunta: O senhor e favorável à esta lei que mata uma pessoa para servir outra?

Dr. Roger: Eu não sou favorável nunca para matar uma pessoa para servir outra. Mas essa lei não mata, essa lei da a vida, essa lei vai ajudar as pessoas a ter uma viabilidade de vida e salvar vidas que não seriam salvas de outra maneira. E embrião não é vida, são células vivas. A maioria das ciências acredita que a vida começa quando o embrião gruda, há vida, no útero. Essa é a posição da organização mundial da Saúde.

O locutor dirige-se ao entrevistado valendo-se de um argumento pragmático que permite a apreciação de um tema "consoante suas conseqüências, presentes ou futuras" (cf. Perelman & Olbrechts-Tyteca, 2002:303). Para este locutor, a lei de Biossegurança, que avaliza a manipulação de embriões para fins terapêuticos, traz como conseqüência a morte de seres humanos. É uma voz representativa de uma moral não-científica: para ele, o encontro dos gametas masculino e feminino já adquire *status* de pessoa. Em contrapartida, o entrevistado ancora-se em um argumento de autoridade para refutar a opinião de seu interlocutor ao garantir que a Organização Mundial de Saúde reconhece como pessoa somente embriões em desenvolvimento intrauterino.

O confronto de opiniões ainda se estende durante a conversação quando um dos locutores pergunta: "Por que a Igreja de modo geral não aceita as pesquisas com células-tronco?" Ao longo da entrevista, o convidado procura alicerçar-se em estratégias que o fortaleçam perante os demais interlocutores. Nesse sentido, ele não só recorre aos argumentos de autoridade, como também

apela, em certa medida, à razão ao colocar que os estudos com embriões favoreceriam o tratamento de doenças como Mal de Alzheimer e lesões do nervo lingual.

Contudo, a dinâmica estabelecida pelo gênero não favorece o desenvolvimento da polêmica. A própria condição de assimetria do discurso (quem fala é o entrevistado) e a presença de múltiplos interlocutores selecionados por um mediador comprometem a ocorrência dos contra-argumentos. A constituição do discurso em pequenos dílogos faz com que a interação se divida em diversos tópicos, nos quais os assuntos são apontados, mas não desenvolvidos completamente. Em outros termos, a estrutura conversacional do gênero tende a minimizar conflitos.

Na outra ponta, temos a entrevista 2 que se caracteriza pela não-polêmica. O objetivo não é convencer ou transformar o pensamento dos interlocutores, mas apenas a fruição dos participantes. Assim, a entrevistada emprega recorrentemente o humor como estratégia discursiva em seus enunciados, cf. exemplos:

(08:14:16) ***Fernanda Torres****: (...). Pode me chamar de Madame "Ubalda".*

(08:15:00) ***Fernanda Torres****: Marcelo, Já nasci rindo.*

(08:16:22) ***Fernanda Torres****: Imagina isso para uma Balzaca como eu. (...)*

Em alguns momentos, prevalece a ironia como na conversa com o locutor Marcelo:

(08:14:24) ***marcelo****: olá meu amor sou seu fã.....porém tenho uma curiosidade como começou essa investida em humor*

(08:14:38) ***Fernanda Torres****: Meu amor não, vamos com calma!*

(08:16:26) ***marcelo****: foi só um geito carinhoso*

(08:16:40) ***Fernanda Torres****: Oh Marcelo... amor...*

A entrevistada utiliza-se deste recurso possivelmente para dirimir qualquer conflito com o locutor Marcelo que se sentiu desconcertado com a resposta sem polidez dela (“Meu amor não, vamos com calma!”). Ao devolver a mesma forma de tratamento (“amor”) ao locutor Marcelo, a entrevistada reforça o tom satírico da conversação, procurando desfazer qualquer mal-entendido. O uso da ironia traz em seu bojo a ambigüidade, pois “quer-se dar a entender o contrário do que se diz” (Perelman & Olbrechts-Tyteca, 2002:235). Na verdade, o efeito irônico não é do enunciado, mas sim do discurso: dá-se a partir da interpretação do alocutário (cf. Ducrot, 1987).

A tônica humorística é assimilada também pelos demais participantes, como podemos constatar no exemplo abaixo:

(08:17:51) ***vani****: Vc é uma idosa na peça? Como é a caracterização? Leva muito tempo? te adoro!!!! Ah o filme casa de areia é sensacional!!!*

(08:19:09) ***Fernanda Torres****: Vani?! Vani?! É voce, Vani?! Eu não faço velha porque a personagem certamente envelheceu inteirona e devassa, como ela diz, tem que ver, é uma mega perua, lembra muita gente.*

A locutora dirige-se à entrevistada valendo-se do *nick* "Vani", numa clara alusão à personagem de Fernanda Torres na série televisiva "Os Normais". Esta, por sua vez, replica jocosamente, comungando com o tom proposto pela primeira ("Vani?! Vani?! É você, Vani?!").

Apesar da atividade interacional estar voltada à diversão dos participantes e, por isso, não ter pretensões diretas na persuasão deles, identificamos um momento em que a entrevistada procura convencer seus interlocutores a assistirem a seu espetáculo teatral, conforme exemplo dado:

(08:12:55) ***Fernanda Torres****: Atencao! atencao!! Ultima oportunidade de assistir a "A Casa dos Budas Ditosos" no Tom Brasil, em SP! Estou de partida! Nao Perca!! Vai revolucionar sua vida sexual!*

A figura de repetição utilizada no início do enunciado ("Atenção! Atenção!!") tem por finalidade captar o interesse dos participantes para o que será falado. A entrevistada adota como estratégia um argumento de urgência ("Última oportunidade (...) não perca!!"), além de garantir ao interlocutor uma transformação em seus costumes sexuais. Tais táticas fortalecem o discurso da locutora para a consecução de seus objetivos.

Conclusão

As análises permitem-nos concluir que a estrutura conversacional segue uma dinâmica específica no gênero *entrevista com convidados*, pois é composta por múltiplas interações (pequenos dílogos) e não se organiza a partir de um único movimento conjunto. Seu caráter polifônico impõe a presença de um mediador que escolhe, dentre as contribuições dos participantes, aquelas que tomarão parte na conversação. A figura mediadora, ainda que não

contribua diretamente com enunciados, exerce um poder velado sob a interação, pois decide os tópicos e seleciona os turnos dos demais actantes. A partir da triangulação com o mediador, definem-se os papéis desempenhados pelos outros participantes: efetivos, não-efetivos e observadores.

A construção textual condiciona-se ao mediador que busca construir um *ethos* discursivo de imparcialidade e neutralidade, procurando atenuar o papel autoritário que desempenha. A disposição visual da página, bem como os procedimentos de discursivização que instauram a categoria de tempo nos textos apontam para diferentes esferas de sentido no *corpus* coletado. Assim, a primeira entrevista gira na esfera de sentido do gênero jornalístico por perseguir um grau maior de objetividade – utilizando-se do apagamento das diversas vozes do discurso; maior informatividade – presença de *links* para acesso de temas relacionados; e preocupação em ancorar o texto historicamente através da narração de fatos em terceira pessoa. A segunda entrevista gira na esfera de sentido dos *chats* pela ênfase na pluralidade de vozes com a nomeação direta dos diversos interlocutores e na sincronicidade por meio da revelação do tempo do envio das mensagens. A instauração da categoria de tempo também reforça a relação interpessoal direta em vista do uso do tempo do discurso – um *eu* que se dirige a um *tu* no tempo do *aqui* e *agora*.

As situações discursivas também divergem nos dois casos: o conteúdo temático sinaliza para uma relação mais formal entre os participantes na primeira entrevista e mais informal na segunda. O maior grau de formalidade tende a aproximar a entrevista 1 da linguagem escrita, enquanto a maior informalidade aponta para a predominância de características da língua falada na entrevista 2.

A diferenciação temática contribui para diferenças na elaboração argumentativa nos dois casos. A entrevista 1 apresenta um assunto polêmico, suscetível ao embate de opiniões. Confrontam-se duas formações discursivas (ciência e religião). O entrevistado, representante do pensamento científico, procura fortalecer seu ponto de vista recorrendo a argumentos de autoridade e apelando à razão dos demais interlocutores. No entanto, a polêmica não se desenvolve em virtude da própria estrutura do gênero que tende a minimizar conflitos. A entrevista 2, caracterizada pela não-polêmica, parece ter como objetivo imediato a fruição dos participantes e, nesse sentido, o tom jocoso e irônico prevalece na construção argumentativa.

Finalmente, a organização do gênero *entrevista com convidados* como um polílogo "on-line" diferencia-se, em muito, de outras situações polilógicas. O estudo desta modalidade interativa representa um desafio para o pesquisador, pois apresenta especificidades ainda pouco visitadas pelas teorias de análise do discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDRÉ-LAROCHEBOUVY, Daniel (1984). *La conversation cotidienne*. Paris: Didier-Credif.

AQUINO, Zilda Gaspar O. (1997). *Conversação e conflito – um estudo das estratégias discursivas em interações polêmicas*. Tese de doutorado. São Paulo: USP.

AUTHIER-RÉVUZ, Jacqueline. "Heterogeneidade(s) enunciativa(s)". In: Cadernos de Estudos Lingüísticos, 19. Campinas: IEL/Unicamp. pp. 25-42.

BENVENISTE, Emile (1976). *Problemas de lingüística geral*. São Paulo: Nacional/Edusp (tradução do francês).

BRETON, Philippe (1999). *A argumentação na comunicação*. Bauru/SP: Verbum/EDUSC.

BÜHLER, K. (1934). *Teoria del lenguaje*. 2a. ed. trad. Julián Marías. Madrid: Revista de Occidente, 1961.

CRYSTAL, D. (2001). *Language and the internet*. Cambridge: Cambridge University Press.

DUCROT, Oswald (1987). "Esboço de uma teoria polifônica da enunciação". In: *O dizer e o dito*. Campinas/SP: Ed. Pontes. cap. VIII. pp.161-218.

EGGINS, S. (1994). *An introduction to systemic functional linguistics*. London: Pinter Publishers.

FÁVERO, Leonor Lopes, ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O. e AQUINO, Zilda Gaspar O. (1999). *Oralidade e escrita – perspectivas para o ensino de língua materna*. 2ª edição. São Paulo: Cortez.

FIORIN, José Luiz (1988). *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática.

_____, (2002). *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2ª.ed. São Paulo: Ática.

GROSJEAN, Michele e TRAVERSO, Véronique (1998). "Les cadres participatifs dans les polylogues". In: CABASINO, F. (Ed.), *Du dialogue au polylogue*. CISU, Rome, pp.51-66.

GUIMARÃES, Elisa (1997). "Figuras de Retórica e Argumentação". In: MOSCA, Lineide do Lago S. (org.). *Retóricas de ontem e hoje*. São Paulo: Humanitas. pp.145-160.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (2004). "Introducing polylogue". In: *Journal of pragmatics nº 36*. p. 1-22. Elsevier B.V., Holland.

KRESS, G.R. (1982). "The structures of speech and writing." In: CORNER, John and HAWTHORN, Jeremy (eds.). *Communication studies*. London: Routledge, Chapman and Hall, Inc.

LEVINSON, Stephen C. (1988). Putting linguistics on a proper footing: Explorations in Goffman's concepts of participation. In: Drew, P., Wootton, A. (Eds.), Erving Goffman: Exploring the Interaction Order. Polity Press, Cambridge, pp. 161-227.

LÉVY, Pierre. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.

MARCUSCHI, Luiz Antônio (2004). "Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital". In: MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna. pp. 13-67.

_____, (1997). "Oralidade e escrita". *Signótica: Revista de Mestrado em Letras e Lingüística*. Goiânia: UFGO, 9. pp.119-145.

PERELMAN, Chaïm. & OLBRECHTS-TYTECA, Lucie (2002). *Tratado da argumentação – a nova retórica*. 5ª edição. São Paulo: Martins Fontes.

SANTORO, Gerald M. (1995). "What is computer mediated communication". In: BERGE, Zane L.& COLLINS, Mauri P. (orgs.) *Computer mediated communication and the on-line classroom. Volume one:Overview and perspectives*. Cresskill: Hampton Press. pp.11-27.

VIGNEAUX, G. (1976). *L´argumentation – essai d´une logique discoursive*. Genève: Droz.

Anexos

ENTREVISTA 1

Dr. Roger Abdelmassih 4.03.05
"Embrião não é vida, são células vivas."

:: Fórum AOL: clique aqui e dê a sua opinião
:: Notícias AOL: leia entrevista com o Dr. Roger sobre células tronco
:: Debate AOL: a esperança nas células-tronco | a semente da discórdia

:: Denis L. Rosenfield: a vida e as células-tronco
:: Google: veja o que já foi publicado sobre células-tronco

A Câmara de Deputados aprovou na noite de quarta-feira (2) a Lei de Biossegurança, que estabelece normas de segurança e mecanismos de fiscalização em todas as atividades relacionadas aos OGM (organismos geneticamente modificados) e seus derivados.

A matéria permite ainda o uso de células-tronco embrionárias para fins de pesquisa e terapia desde que obtidas de embriões humanos produzidos por fertilização in vitro considerados inviáveis ou congelados há pelo menos três anos.

Para debater o assunto com os internautas, a AOL convidou o urologista **Roger Abdelmassih**, que tem cerca de 200 trabalhos científicos publicados no exterior e proferiu mais de 700 palestras em congressos e cursos nacionais e internacionais ao longo de sua carreira.

A Clínica e Centro de Pesquisa em Reprodução Humana Roger Abdelmassih, com sede em São Paulo, é hoje a maior do País e conta com a consultoria de especialistas de várias partes do mundo. A clínica é um centro de referência internacional em reprodução humana, onde são atendidos pacientes de todo o continente.Dos cerca de doze mil bebês nascidos no Brasil pelas técnicas de fertilização assistida, 4 mil foram gerados no local.

Leia abaixo a transcrição do bate-papo na íntegra:

Pergunta: O senhor e favorável à esta lei que mata uma pessoa para servir outra?
Dr. Roger: Eu não sou favorável nunca para matar uma pessoa para servir outra. Mas essa lei não mata, essa lei da a vida, essa lei vai ajudar as pessoas a ter uma viabilidade de vida e salvar vidas que não seriam salvas de outra maneira. E embrião não é vida, são células vivas. A maioria das ciências acredita que a vida começa quando o embrião gruda, há vida, no útero. Essa é a posição da organização mundial da Saúde.

Pergunta: Imagino que agora vai ser uma correria nas clínicas de fertilização para ver quem vai doar seus embriões congelados. Como isso vai funcionar?
Dr. Roger: Nós temos que esperar o sancionamento da lei. Segundo precisa-se estabelecer os critérios para se fazer o uso das células tronco e por que e para quem serão feitas. Obviamente, terão aqueles que gostariam de doar e aqueles que gostariam de manter seus embriões congelados. Aqueles que estiverem interessados em doar seus embriões para essa finalidade, como já está ocorrendo a procura de alguns clientes, então teremos disponibilidade do benefício de algumas doenças serem sanadas.

Pergunta: Por que a Igreja de modo geral não aceita as pesquisas com células-tronco?
Dr. Roger: Porque a posição da Igreja é que embrião já é vida. Como a igreja católica assim o entende, ela se coloca de uma forma contrária à manipulação dos embriões, porque, para a Igreja, os embriões já seriam vida. Apesar de eu ser católico, eu descordo plenamente da idéia de que a vida do embrião começa em sua primeira divisão celular.

Pergunta: Gostaria de saber se uma lesão do nervo lingual pode ser tratada com células-tronco.
Dr. Roger: Dependendo da lesão do nervo lingual, muito provavelmente poderá ser feito.

Pergunta: Gostaria de saber se realmente isso pode ajudar pessoas com aquela doença de Mal de Alzheimer.

Dr. Roger: Sem dúvida, uma das doenças que serão beneficiadas pelas células-tronco é o Alzheimer.

Pergunta: Como será o processo de doação de embriões para essa pesquisa?
Dr. Roger: A doação de embrião será feita entre a permissão do casal e para a finalidade de uma doença que será ajudada, embriões esses que tenham boas condições de divisibilidade, e que, conseqüentemente, poderemos usar muitas células tronco (que se multiplicam rapidamente).

ENTREVISTA 2

BATE-PAPO COM FERNANDA TORRES

Atriz fala sobre o monólogo "A Casa dos Budas Ditosos".
Participaram do Bate-papo **1040 pessoas**
Este-bate-papo ocorreu em 01/07/2005, às 20h00

ÍNTEGRA

O texto abaixo reproduz exatamente a maneira como os participantes digitaram suas perguntas e respostas

(08:12:40) **Thainara**: Oi boa noite tudo bem???

(08:12:55) **Fernanda Torres**: Atencao! atencao!! Ultima oportunidade de assistir a "A Casa dos Budas Ditosos" no Tom Brasil, em SP! Estou de partida! Nao Perca!! Vai revolucionar sua vida sexual!

(08:13:10) **adri**: Oi Fernanda. Vamos falar sobre sexo, não é isso?? O contexto da peça é totalmente sexual por isso quer abordar esse tema?

(08:14:16) **Fernanda Torres**: adri, nao e que eu queira aabordar o tema. Faco isso profissionalmente. Pode me chamar de Madame "Ubalda".

(08:14:24**) marcelo**: olá meu amor sou seu fã.....porém tenho uma curiosidade como começou essa investida em humor

(08:14:38) **Fernanda Torres**: Meu amor não, vamos com calma!

(08:15:00) **Fernanda Torres**: Marcelo, Já nasci rindo.

(08:15:04) **Thainara**: Eu gostaria de saber como vc se sente tomando o cargo de uma mulher tão bonita como a Daniela Cicarelli!

(08:15:18) **Fernanda Torres**: Thainara com Th fala!

(08:16:22) **Fernanda Torres**: Imagina isso para uma Balzaca como eu. Mas eu não tomei o lugar de ninguém, séo vim depois, na próxima campanha da Ellus, a Cicarelli é Afrodite, nnao vou nunca competir com Deusas.

(08:16:26) **marcelo**: foi só um geito carinhoso

(08:16:40) **Fernanda Torres**: Oh Marcelo... amor...

(08:16:46) **vani**: e os normais 2, vem ou não?

(08:17:06) **Fernanda Torres**: Parece que não, eu nnao decido nada, quando quiserem, lá estarei.

(08:17:07) **Daniel_19**: fernanda vc pretende rodar o pais pretende passar pelo teatro amazonas?

(08:17:45) **Fernanda Torres**: Amazonas que me aguarde, Daniel, já jea bato aí.

(08:17:51) **vani**: Vc é uma idosa na peça? Como é a caracterização? Leva muito tempo? te adoro!!!! Ah o filme casa de areia é sensacional!!!

(08:19:09) **Fernanda Torres**: Vani?! Vani?! É voce, Vani?! Eu não faço velha porque a personagem certamente envelheceu inteirona e devassa, como ela diz, tem que ver, é uma mega perua, lembra muita gente.